

FONTE: Jornal Nacional, terça-feira, 13 de abril de 2004.

Violência faz parte do cotidiano de milhares de brasileiros pobres nas grandes cidades

Barracos pendurados sobre o asfalto invadem as matas, ocupam os morros da cidade. A favela cresce.

O Rio de Janeiro é o lugar onde mais cresce a ocupação irregular. Hoje 10% dos moradores da cidade vivem em favelas. De acordo com os dados do último censo, nos últimos dez anos, o número de favelas passou de 660 para 811.

Cabe à prefeitura conter esse avanço, com programas de habitação e urbanização. Mas, na Rocinha, apesar dos projetos, o número de casas duplicou em dez anos.

Educação e saúde são também deveres do estado, que ainda é o responsável pela segurança pública. Nas favelas, faltam escolas, saneamento, postos de saúde e, onde o poder público não entra, entram o crime, o tráfico de drogas, a violência.

Criminosos usam armas que atravessam as fronteiras e chegam às favelas do Rio. A fiscalização é um dever do governo federal. O sociólogo Michel Misse diz que a responsabilidade é de todos: "A luta pelo poder entre as diferentes esferas - municipais, estaduais, federais - e incompetências de todo tipo, todos esses fatores estão envolvidos e complicam por demais o quadro".

Segundo um estudo encomendado pela Organização das Nações Unidas, de cada R\$ 100 gastos pelos usuários de drogas da cidade, R\$ 80 acabam financiando a violência. "Se não houver quem compre, não haverá quem venda. Não havendo quem venda, necessariamente não vamos ter esse poderio bélico matando pessoas inocentes", afirma o coronel da Polícia Militar Carlos Fernando Belo.

Mas a sociedade reage. Uma pesquisa do Conselho Estadual Antidrogas do Rio mostra que é cada vez maior o número de dependentes que buscam ajuda. Quem faz parte do programa sabe que é preciso conquistar um dia de cada vez. "Eu sei que se eu voltar a usar droga, vai voltar tudo o que era antes, todo o inferno volta novamente", conta um dependente.

Para combater a violência, os próprios moradores das favelas tentam encontrar um caminho. As costureiras da Rocinha criaram uma cooperativa. Formam centenas de jovens. "Eu tenho o sonho de estudar, de fazer uma faculdade de estilismo e continuar nessa linha", planeja a costureira Viviane Bezerra.

O grupo de teatro "Nós do Morro", criado por moradores da favela do Vidigal, hoje interpreta Shakespeare. "Eu acho que a arte é transformadora, ela te dá uma auto-estima e você se sente capaz de viajar pelos seus sonhos, de lutar pelos seus sonhos", acredita o diretor do espetáculo, Guti Fraga.